

4

Encarnações do impossível

Ocorre em cada pulsação de teu sangue.
Não há um instante que não possa ser a cratera do Inferno.
Não há um instante que não possa ser a água do Paraíso.
Não há um instante que não esteja carregado como uma arma.
J. L. Borges¹

Sob a pena de Borges retomamos nosso trajeto. Seguimos na tentativa de dar lugar para o que o mesmo da repetição pode apontar. Podemos ler os instantes dos quais fala Borges como os significantes de Lacan. Nos significantes aos quais o sujeito está como que condenado a viver a repetição, há a chance, na experiência de uma análise, de que eles revelem o real ali constricto, tomando de assalto o sujeito, atingindo-o naquilo que ele carrega de mais pulsante, de céu e de inferno.

Esta revelação, como vimos no capítulo anterior, tem uma face de (re)achado que, ao mesmo tempo, comporta uma perda. No mesmo ato em que se aponta o real, ele é apenas contornado pela repetição, que zela também por visá-lo, mas não encontrá-lo. Trata-se, portanto, de uma presença sempre a ser contornada e perdida pela repetição.

É sobre esse norte que estamos tentando mover nossa bússola desde o primeiro capítulo, a partir dos símiles freudianos que aparecem em 1895. O que Freud chama de núcleo patogênico, além de organizar as lembranças e imputar um ritmo ziguezagueante aos fios lógicos (que aproximamos das cadeias de significantes), assinala uma espécie de limite do que poderia ser narrado como lembrança. Sem lembranças que dêem conta deste núcleo, as narrativas estão destinadas a circundá-lo, posto que se trata de uma perda que, como veremos, remete o sujeito a seu próprio lugar no Outro.

Para entrar na cultura, foi preciso que se deixasse um resto. Este, no entanto, não deixa de parasitar as cadeias, posto que esse resto está destinado a evocar o

¹ Borges, 1985, p. 15.

própria condição do simbólico, sua própria impossibilidade de tudo representar. Ou seja, como veremos adiante com o objeto *a*, Lacan inscreverá esse resto com uma pergunta do sujeito ao Outro. É isso que não pode ser tomado como significante que formará uma espécie de rede, de encadeamento entre os fios lógicos, conforme a aproximação e o distanciamento em que se situem junto ao núcleo patogênico.

Tal centro vai dando mostras de sua insistência. Ele demonstra uma impossibilidade de conformação à estrutura, mas seu retorno se dá de formas paradoxais. É para esta insistência que Freud aponta nesta passagem, valendo-se da noção de *compulsão a repetição*, uma de suas faces, para abordá-la:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente a própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também, por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima compulsão à repetição é percebido com estranho. (Freud, 1919/1996, p. 256)

Estamos lidando com o que é impossível de ser completamente colonizado. Nesse sentindo, os desafios clínicos do psicanalista sempre serão novos. As conformações sintomáticas sempre serão novidade para o campo psicanalítico, posto que seu objeto por excelência é o que se depreende como incontornável pela ordem simbólica. Trata-se de uma falácia achar que hoje em dia lidamos com um real mais real, um real encarnado de forma mais “viva”, dado que ele nunca poderá se encarnar desatrelado de um aparato significante.

Nos sonhos traumáticos o que está em questão parece ser justamente a encarnação deste centro relativamente desacompanhado dos mecanismos de condensação e deslocamento. Segundo estes mecanismos, poderíamos compreender tais encarnações como formações do inconsciente: atos falhos, sonhos comuns, sintomas histéricos mais “clássicos”, entre outros. Colocando à prova este fenômeno juntamente com as conceituações com as quais se poderia lê-lo até 1920, algo de novo surge na teorização de Freud, segundo testemunhamos no final de nosso primeiro capítulo. Entra em cena a concepção da pulsão de

morte, orientada para aquilo que do sujeito não persegue o prazer tal como apreendido através do pareamento do princípio do prazer e o da realidade.

No segundo capítulo, tratamos de abordar junto à série dos “+” e dos “-” conjugada a das notações como se dá a articulação da cadeia significante. A junção destas duas séries resulta em uma terceira, que norteia as aparições dos “+” e dos “-” a partir de possibilidades e impossibilidades verificadas pelas notações. O que era, assim, escrita aleatória, ganhou uma sintaxe. Com Lacan, aproximamos esta série resultante da cadeia associativa. Algo continua permeando, entretanto, a cadeia. Isso aparece sob algumas formas, tanto a das formações do inconsciente, quanto de formas mais paradoxais, como vimos.

Chamamos isso que parasita a cadeia por alguns nomes em nosso texto: traumático, sexual, e agora o tocaremos pelo nome de real, que não deixa de se presentificar na obra de Freud desde o começo – o umbigo do sonho, por exemplo². Entretanto, o que antes parecia constituir um limite, uma barreira por não poder ser tomado como representação, nem deslocada nem substitutiva, vai se colocando de forma cada vez mais cerrada na experiência freudiana. Da natureza disso que se apresenta e que não se dá conforme uma estrutura representativa, mas que aponta para um limite da própria representação, só temos o fato de que se trata de algo incontornável e que, conforme o lastro de seu tempo, tende a se apresentar conforme diferentes montagens. E é sobre tal gume que aportaremos neste momento.

4.1

Um sonho freudiano

Na tentativa de circunscrever o viés real da repetição, podemos nos deter em um sonho do próprio Freud, objeto de comentário de Lacan no *Seminário 2*. Trata-se do sonho que Freud teve com uma de suas pacientes, Irma. Não nos interessa interrogar todos os elementos tratados pela interpretação do próprio Freud e pelo comentário de Lacan, mas entrever o que no sonho se dá a mostrar como presença

² “Num sonho, diz Freud, há sempre um ponto absolutamente não apreensível, do âmbito do desconhecido – ele denomina isto umbigo do sonho. [...] Isso significa que há no fenômeno um ponto que não é apreensível, o ponto de surgimento da relação do sujeito com o simbólico.” (Lacan, 1985a, p. 138)

fulgurante e ao mesmo tempo aterradora do que Lacan compreende como sendo do registro do real.

Em linhas gerais, Freud nos fornece a seguinte narrativa de seu sonho: em uma recepção por ele oferecida, sua paciente Irma, também amiga da família, comparece e logo ele a repreende por não aceitar ainda o que lhe oferecera como solução. Irma é uma paciente renitente com a qual Freud acha-se em certa dificuldade. Apesar de nesta época ainda crer que ou bem o paciente aceitava o que ele impunha e assim o tratamento caminharia, ou bem ele deveria ser sumariamente culpado pelo fracasso de seu tratamento, Freud se atém neste sonho a algo que vai além da concordância. Acha-se ali a questão de quem seria o culpado de um tratamento não completamente bem-sucedido – esta que lançou Freud no sonho em que ele acaba por se revolver entre a culpa e a desculpa. Há também a pergunta sobre a solução³ por ele proposta e, segundo Lacan, sobre seu próprio desejo acerca da psicanálise.

Depois de falar a Freud sobre as dores que ainda sente e sua sensação de sufocamento, Irma é examinada. Freud então pede que abra a boca para um rápido exame. Dela, imagem atroz:

[...] a carne que jamais se vê, o fundo das coisas, o avesso da face, do rosto, os secretados por excelência, a carne da qual tudo sai, até mesmo o íntimo do mistério, a carne, dado que é sofredora, informe, que sua própria forma é algo que provoca angústia. Visão de angústia, identificação de angústia, última revelação do *és isto – és isto, que é o mais longínquo de ti, isto que é o mais informe*. (Lacan, 1985a, p. 198 – grifos do original)

Lacan assinala que neste ponto pode-se constatar um limite das representações. Esta imagem, pois, condensa o que se dá a tratar e o que resiste, o curável e o que se desprende dele como incurável. Condensa a associação sobre uma possível morte da filha de Freud e sua substituição, para Freud, de uma paciente que tratava nesta época e que tinha morrido da mesma doença de sua filha; condensa ainda sua própria morte, posto que operado por Fliess pouco antes na região nasal. Diz respeito também à resistência do feminino, que está narrada no próprio sonho e que evoca sua mulher, que também resiste, e uma paciente que paradoxalmente não resistiria tanto, mas que nem chega a pedir-lhe tratamento.

³ *Lösung*, termo que, segundo Lacan, quer dizer tanto solução injetável quanto solução de um conflito (Lacan, 1985a, p. 192).

Nesta imagem, então, encontra-se “[...] algo diante do que todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam” (Ibid., p. 209).

A partir desse ponto de culminância no sonho, o idealizado dr. M., o camarada Otto e seu colega, Leopold, são chamados por Freud para ajudá-lo. E Lacan assinala que Freud, ao mesmo tempo em que não acorda ao se deparar com a boca de Irma porque é um “durão”, nesse ponto recorre a seus pares que vêm em seu socorro. Ao final, eles acabam não sendo de muita serventia (Lacan, 1985a, p. 198). A conversa entre eles não leva a nenhuma solução determinante. A hipótese é que Otto é o culpado por ter injetado na paciente uma dose de *trimetilamina* com uma seringa suja. A fórmula da substância aparece a Freud com especial importância:

Vi a fórmula química dessa substância em meu sonho, o que testemunha um grande esforço por parte de minha memória. Além disso, a fórmula estava impressa em negrito, como se tivesse havido um desejo de dar ênfase a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial. (Freud, 1900/1996, p. 150)

Esta fórmula tem, assim, valor crucial. Através dela, lembra-se do amigo Fliess, para quem “[...] a trimetilamina desempenha um papel a propósito dos produtos de decomposição das substâncias sexuais” (Lacan, op. cit., p. 201). A fórmula traz a tona o sexual, ponto chave na teorização de Freud, ponto por onde as fissuras das representações e da ordem simbólica se revelam.

A fórmula da trimetilamina não traz à tona a solução, mas engendra outra fórmula: “Não há outra palavra, outra solução ao problema de vocês, senão a palavra”. (Ibid., p. 202) É por ela, por achar-se atada ao que há de incurável no sujeito, é que se pode produzir alguma solução que leve este incurável em conta. Então, não é reunindo-se com aqueles que saberiam que destino dar ao problema (M., Otto e Leopold) que Freud, no sonho, chega a algum lugar. Podemos dizer que a solução para o incurável de Freud, através desta fórmula que se ata à boca aberta de Irma, foi a própria psicanálise.

Com este fragmento de Freud, quisemos dar um pouco mais de presença a esse ponto cuja representação aponta para um limite inassimilável do simbólico. A boca de Irma indica uma espécie de ponto de condensação associativa que interessa menos por poder apontar para novas associações que por trazer uma corporeidade a este ponto. Como no caso de Emma, que vimos nos segundo capítulo, as cadeias associativas que Freud percorre ao falar do sonho têm seu

valor menos por veicularem uma explicação que por situarem um lugar ao sem sentido – o próprio desejo de Freud de enveredar-se pela psicanálise, neste caso.

4.2

A realidade e seu avesso

Com o sonho de Irma, pudemos nos aproximar do que se dá como uma espécie de ponto nodal da própria imagem, ponto em que há uma espécie de limite das representações. Trata-se da imagem da boca de Irma, que concentra com o que de incurável Freud encontra em seus pacientes, o quinhão de resistência, sua culpa e desejo em lidar com o além do somático, domínio para o qual, como atesta a conversa com seus colegas, não havia resposta única nem pronta, mas apenas uma indicação que se colocou, aquela que vem com a fórmula da trimetilamina. No sonho, de fato, como vimos no capítulo um, pode se presentificar o umbigo do sonho, o que Freud chama de “[...] ponto de contato com o desconhecido” (Freud, 1900/1996, p. 145).

Com esta denominação freudiana, aproveitamos para fazer uma espécie de retrospecto dos nomes que usamos para denominar aquilo de que estamos tratando: de um lado a cadeia associativa, de outro seu núcleo patogênico; ou ainda, por um lado o significante e, por outro o sexual; ou ainda rede significante e trauma; determinação e surpresa; o mesmo e o não realizado. Não são simples pares de oposições, mas, como vimos ocorrer com a série dos “+” e “-”, de um encontro que engendra o que se apresentará como impossível. Um encontro de duas ordens distintas, a série aleatória (já transformada nestes sinais binários, “+” e “-”, por uma intervenção simbólica) com a arbitrária, que inscreve as combinações que poderão ocorrer. Algo resta desse encontro e Lacan, quando traz o conceito de repetição, aponta para este resto. Entretanto, como não se trata de algo ôntico, de algo que possa ser definido e delimitado como ente, a condição para que se coloque na cena, como alerta Zizek, é que seja olhada de viés, de soslaio (Zizek, 1998, p. 11). Com um olhar objetivo, só é possível pôr em foco entes com tamanho que se pode medir, cores que se podem definir, delimitações sobre suas utilidades, entre outras características. Estas acompanharão o que se coloca como no domínio da representação para o aparelho psíquico. Entretanto, estamos na dimensão daquilo que, ao mesmo tempo em que dá mostras de sua existência, não pode ser tido como uma representação a mais.

Para nos aproximarmos mais desse não realizado, que não se traduz ou se dá a olhar de forma fácil, vamos nos deter no que Lacan conceitua como *autômaton* e *tiquê*. Lacan justamente utilizará estes dois nomes para indicar o que se encontra em questão na repetição. Tais termos são extraídos da *Física* de Aristóteles, que os utiliza principalmente no que concerne a questão da causa. Eles são preciosos justamente por destacarem tanto o aspecto do mesmo que a repetição engendra, quanto o encontro surpreendente, que também poderá se valer dela, como veremos.

Lacan indica que o *autômaton* é regido pela insistência de alguns significantes na cadeia. Ele o assinala como “retorno”, “volta da insistência dos signos” (Lacan, 1985b, p. 56). É na rede de significantes que, como vimos no capítulo anterior com a série dos “+” e dos “-” e seus grafos, estão desenhadas as possibilidades e impossibilidades. Através da rede, o sujeito é levado a se deparar com os mesmos significantes pelos quais é comandado a partir do princípio do prazer⁴. “[...] é a própria estrutura da rede que implica os retornos.” (Ibid., p. 69).

A *tiquê* comportaria um encontro de ordem mais radical. Para cernir o que está em jogo na *tiquê*, Lacan afirma que o que nela se produz se dá sempre “como por acaso” (Ibid., p. 56). Se o que se pode encontrar na repetição é da ordem de algo que não se introduz propriamente como significante, mas através dele, ele tende a aparecer como encontro furtivo.

Na cadeia associativa, como vimos no primeiro capítulo, determinados pontos estão mais em contato com o núcleo patogênico, palavras que servem mais como marcas para o sujeito, em contato com esse inassimilável trazido pelo núcleo patogênico. Não são todas as palavras que se abrem como possibilidade de encontro com o sem sentido, mas algumas que inscreveram o sujeito como objeto dos ditos do Outro, marcando apenas um depois de sua entrada forçada na linguagem, posto que o antes é mítico e só poderá ser suposto. Tais pontos guiam uma forma de estar no mundo e condensam tantas associações que são mais

⁴ Princípio de prazer que atua como “[...] princípio de regulação que permite inscrever, num sistema coerente de formulações simbólicas, o funcionamento concreto do homem considerado como máquina.” (Lacan, 1985a, p. 83) Lacan aproxima diversas vezes neste seminário o funcionamento do homem regulado pela estrutura simbólica, regido pelo significante e pelos mecanismos dos quais falamos no segundo capítulo, do funcionamento de uma máquina também regulada por símbolos.

pontos de chegada que de partida (como a boca de Irma, naquele sonho, para Freud, por exemplo).

Para assinalar esse aparecimento *como por acaso*, Lacan recorre à inscrição do trauma na própria história da psicanálise, que traduz esse encontro com algo de não realizado de forma pungente e que parece vir como indeterminado.

Como Lacan dá a entrever, essa divisão não se dá de forma tão estanque, já que a rede significante que está em jogo no *autômaton* encontra em seu núcleo o real, ao passo que, para que se dê um encontro com essa presença radical, é preciso também, como vimos no esquema delineado com o jogo dos “+” e “-”, que haja significantes que suportem sua presença como não realizado. Na articulação entre a cadeia dos “+” e dos “-”, junto às letras, sulcam-se lugares. Mas como dessa junção surge um resto, ele não deixa também de ser um efeito dessa articulação, ao mesmo tempo, em que se apresenta na cadeia como impossível, justamente por não poder ocupar o lugar de mais um significante.

Lá onde estava, o Ich – o sujeito, não a psicologia – o sujeito deve advir. E para saber que se está lá, só há um método, que é de discriminar a rede e, uma rede se discrimina como? É voltando, retornando, cruzando seu caminho, que ela se cruza sempre do mesmo modo [...]. Toda a história da descoberta por Freud da repetição como função só se define em mostrar assim a relação do pensamento com o real. (Lacan, 1985b, p. 48 – grifos do original)

4.3

Ponto zero da representação

Para demonstrar o que está envolvido no encontro com o real, mais uma vez nos remetemos a um comentário de Lacan sobre um sonho. Trata-se do sonho que Freud também relata na *Interpretação dos sonhos*. O sonho em que um pai vela seu filho morto. Dormindo no quarto ao lado, tendo deixado um senhor na cabeceira do filho, em sonho, este lhe aparece, dizendo: “Pai, não vês que estou queimando?”. O pai acorda com um clarão no quarto ao lado e, lá chegando, depara-se com o senhor rendido pelo sono e com a mortalha e um dos braços de seu filho consumidos pelo fogo.

Lacan aponta para a experiência de ruptura em que se dá o aparecimento daquilo que resta inscrito no aparelho psíquico sob a marca do processo primário – em nossos termos, daquilo que está além e aquém das representações.

O que desperta o sujeito neste sonho do filho morto? Caso se tratasse apenas do clarão, ele não se demoraria sonhando com a presença do filho, mas acordaria rapidamente para salvar seu corpo do estrago do fogo. Entretanto, Lacan aponta para uma outra realidade, aquela encenada no próprio sonho, que acorda o pai. Não se trata no sonho de uma estrutura que traria a possibilidade de que um desejo qualquer pudesse se satisfazer. Nesse se dá um encontro entre um pai e o que Lacan chama de “perda imajada do objeto em seu ponto mais cruel” (Lacan, 1985b, p. 60). Perda não imaginada, não representativa, mas ponto de fuga das próprias representações, encontro daquilo que a morte do filho traz como presença de seu desaparecimento e de interrupção da própria tarefa de um pai (“nenhum ser consciente” – Loc. cit.), isto é, a transmissão quebrada pelo real da morte. Assim, a falta do velho como contingência, aquele que dormiu, que falhou, serve de arremedo para que um “tarde demais” se repita: tarde demais, o filho está morto; tarde demais, o braço do filho está queimado.

Freud faz a hipótese de que tanto as falas “pai não vê”, quanto “estou queimando” podem ser lembranças de situações que ainda estão na memória do pai, disponíveis em sua rede significante. O sonho as utiliza para dar ensejo a esse encontro em que entre sonho e realidade factual se presentificará uma inversão: quando sonha, há a presença do filho, “[...] realidade que não pode mais se dar a não ser repetindo-se infinitamente, num infinitamente jamais atingido despertar” (Loc. cit.); acordado, ele está morto. Esta inversão que traz a questão da relação do sonho com o caráter representativo da realidade factual aponta, para Lacan, o “lugar-tenente da representação” (Ibid., p. 61). É em torno deste lugar que Lacan verificará o que está em questão na repetição pelo seu viés real: marca de um encontro faltoso, isto é, encontro em que a representação falta, mas no qual aparece a instância insistente do que causa as representações, que nos interroga, como interroga esse pai em ruptura com sua tarefa – a da transmissão que não pode mais se dar, posto que seu filho está morto.

4.4

Entre couro e carne

Lacan assinala o lugar do que se apresenta como hiância, que aponta para o ponto em que as representações fenecem, mas em que há a aparição de seu avesso.

Esse lugar estaria desenhado, como indica Lacan, em um esquema freudiano na *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996, p. 568 et. seq.). Ele está entre a percepção e a consciência. As percepções se introduziriam no aparelho como traços. Podemos aproximá-los dos “+” e “-”: esta estrutura reteria traços e, conforme o jogo entre eles, um jogo de pura diferença, nascem as primeiras oposições⁵. Freud insere outras camadas entre a retenção desses traços (função da percepção) e a consciência, comparando o sistema a uma câmera fotográfica, em que quando se vê a imagem, ela se inscreve invertida na retina (Cf. Vieira, 2005)⁶.

Importa com este esquema de Freud salientar que é nesse espaço, “entre couro e carne” (Lacan, 1985b, p. 48), que aquilo que se dava como ruptura pode se inscrever, intrometendo-se quando há alguma brecha na realidade e podendo ter efeitos sobre o sujeito. Através deste esquema freudiano, a consciência se situa, conforme a chegada da percepção, depois do inconsciente. A importância do que se apresenta parasitando as cadeias associativas, ou a série que resultou da articulação dos “+” e “-” com as notações, é evidente neste esquema. Através dele, não poderemos ter dois sistemas separados, consciente de um lado, retendo a realidade factual “tal como ela seria”, e o inconsciente de outro. O esquema freudiano demonstra que antes de chegar à consciência, os traços apreendidos pela percepção são inscritos no inconsciente. O que se mostra, por exemplo, no sonho do filho morto, como ponto avesso das representações tem seu valor por condicioná-las⁷.

A sintaxe, exatamente, é pré-consciente. Mas o que escapa ao sujeito, é que sua sintaxe está em relação com a reserva inconsciente. Quando o sujeito conta sua

⁵ Sobre a chegada ao aparelho desses traços, cf. Lacan, 1988, p. 62 et. seq.

⁶ Cf. Freud, 1896/1996, p. 281 et. seq.; 1900/1996, p. 568 et. seq.; e Lacan, 1985b, p. 48-49. Lacan usa a metáfora do modelo óptico e situamos nessa inversão a entrada do inconsciente, que altera a imagem a fim de produzir algo na consciência. O que aí surge pode não ser totalmente inscrito na consciência, mas não deixa de existir e de aparecer para o sujeito. Não poderemos nos deter muito mais nesse processo, deixando-o aqui assinalado.

⁷ “Descreveremos o último dos sistemas situados na extremidade motora como o ‘pré-consciente’, para indicar que os processos excitatórios nele ocorridos podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas: por exemplo, que eles atinjam certo grau de intensidade, que a função que só se pode descrever como ‘atenção’ esteja distribuída de uma dada maneira, etc. Este é, ao mesmo tempo, o sistema que detém a chave do movimento voluntário. Descreveremos o sistema que está por trás dele como ‘o inconsciente’, pois este não tem acesso à consciência senão através do pré-consciente, ao passar pelo qual seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações.” E ainda a nota de rodapé que se segue, acrescentada em 1919: “Se tentássemos ir mais adiante com este quadro esquemático, no qual os sistemas se dispõem em sucessão linear, teríamos de nos haver com o fato de que o sistema seguinte ao Pcs. é aquele a que se deve atribuir a consciência, ou seja, que Pcpt. = Cs.” (Freud, 1900/1996, p. 571)

história, age, latente, o que comanda essa sintaxe, e a faz cada vez mais cerrada. Cerrada em relação a quê? – a que Freud, desde o começo de sua descrição da resistência psíquica, chama um núcleo. [...] O núcleo deve ser designado como da ordem do real [...] (Ibid., p. 70)

De acordo com o esquema do pente introduzido na *Interpretação dos sonhos*, pudemos apreender o que se coloca em questão na sintaxe do esquema dos “+” e “-”. Lacan, no *Seminário 2*, comenta que trata-se de ir no encaixo de uma regularidade presumida que se furtaria ao sujeito, mas que poderia ser apreendida a partir de um pequeno desvio, evidenciado pela série resultante da articulação dos “+” e “-” com a das notações (Lacan, 1985a, p. 242). Tal regularidade presumida nos levaria aos significantes que aparecem como aqueles privilegiados, aqueles cuja relação com o núcleo se encontraria mais próxima, isto é, menos presa ao sentido, mas funcionando mais como marca indicativa das amarrações do sujeito ao real.

Com essa perspectiva de que o que se repete pelo viés da *tiquê* é a possibilidade de um encontro com o que não é passível de se representar, com aquilo que move as representações, insistindo, envelopado, por elas, mas não integralmente capturado, podemos passar a uma fórmula preciosa de Lacan: “a repetição demanda o novo” (Ibid., p. 62).

Lacan aponta aí a demanda das crianças em exigir a mesma história a ser contada pelos adultos a cada noite. Dado que é impossível repetir a mesma história, pois sempre algo diferente se colocará, o lúdico do jogo infantil neste caso não seria tanto a exatidão na narrativa da mesma história, mas o encontro do que nela se coloca como pequena variação da repetição. A repetição seria, assim, uma condição para que o imprevisto se manifeste. E esta espera está sempre coordenada pela estrutura, pelo significante, condição pela qual se manifesta a possibilidade de que haja repetição – no caso das crianças, o texto da história é que se dá como uma espécie de base para que o novo advenha.

Lacan logo depois comenta o *fort-da*, jogo no qual nos detemos brevemente nos capítulos precedentes em que a criança lança um carretel e o puxa de volta para recomeçar o mesmo movimento. Neste jogo não se trata de fazer reaparecer a mãe ou domesticar suas saídas, mas de visar a repetição de uma divisão introduzida no próprio sujeito. Essa divisão é fruto do que no Outro se coloca como podendo ser representado – a mãe como aquela que pode ir e vir pela operação que a constitui como significante. Mas há também a presença do que

vimos no sonho do filho morto como lugar tenente da representação. Como o simbólico falha ao situar de modo integral essa presença, a mãe não somente se inscreverá como significante, mas o jogo destacará um excedente que implica seu desejo em relação à criança. Esta poderá responder colocando-se como o objeto a completar esse desejo, como veremos a seguir, com o objeto *a*.

4.5

Um encontro impossível

Já abordamos alguns aspectos do encontro faltoso que está em questão na experiência da repetição. Trata-se de um encontro com o ponto cego das representações que, mesmo que se encarne furtivamente, não se pode tomar como sendo uma dentre elas.

Lacan nos dá notícias em seu *Seminário 7* de um encontro paradoxal deste tipo quando assinala a importância do *das Ding*, no *Projeto* de 1895 de Freud. Ficaremos com breves indicações acerca deste ponto, pois ele nos servirá como uma espécie de introdução ao que Lacan conceituará em um momento posterior de seus seminários, o objeto *a*.

Freud introduz *das Ding* quando infere, do aparelho psíquico que constrói neste texto de 1895, sua capacidade de conhecimento e julgamento dos objetos. É em torno de *das Ding* que é calcada a prova de realidade. A partir da apreensão da realidade pelo sujeito, aparta-se o que se coloca como estranho, como *Fremde*, algo que permanece “coeso como coisa”. “O complexo do objeto é dividido em duas partes, há divisão, diferença na abordagem do julgamento.” (cf. Lacan, 1988, p. 68). A experiência da realidade, portanto, se divide a partir da colocação de um objeto estranho no exterior, o primeiro exterior do sujeito, que se colocará no julgamento de cada objeto. *Das Ding* não participa da regulação prazer/desprazer, mas dita, de outro lugar, o julgamento da realidade de acordo com um reencontro paradoxal, pois *das Ding* lá estará como condição de percepção, mas não como encontro.

O *Ding* como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito. É sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação a que? – ao mundo de seus desejos. Ele faz a prova de que alguma coisa, afinal, encontra-se justamente aí, que, até um certo ponto, pode servir. Servir a que? – a nada mais do que a referenciar, em relação a

esse mundo de anseios e de espera orientado em direção ao que servirá, quando for o caso, para atingir *das Ding*. Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas – evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando. (Ibid., p. 69)

Assim, são as coordenadas de *das Ding* que são encontradas, e não este objeto em si, posto que ele só existe como uma espécie de “alucinação fundamental”. Lacan a nomeia também como “coisa muda”, já marcada pela incidência do simbólico, coisa que é nada, que “[...] se distingue como ausente, alheia” (Lacan, 1988, p. 82).

A tentativa deste reencontro será pautada pela organização das cadeias que salientamos em nosso primeiro capítulo, isto é, através do que as *Bahnungen* inauguraram como trilhamentos, facilitações das redes associativas que constituem a memória.

4.6

Um encontro com o impossível

Como dissemos, *das Ding*, como impossível que traça os contornos do que se acha na realidade, está destinada a nunca ser encontrada. Entretanto, de acordo com as teorizações ulteriores de Lacan, há um impossível que se dá ao encontro, que se encarna. Trata-se do objeto *a*.

Ao falar das neuroses traumáticas, uma das situações escolhidas por Freud na virada de 1920, Lacan se detém, como vimos, nos sonhos traumáticos. Se, com relação ao trauma, trata-se de um encontro para o qual todos somos chamados, configurando um encontro essencial, na neurose traumática, o sujeito se depara com o real “apresentado na forma do que nele há de inassimilável” (Lacan, 1985b, p. 57). Trata-se de um encontro com uma presença radical. Com a conceituação do objeto *a* podemos situar as coordenadas desse encontro.

Lacan teoriza, na primeira década em que ministrou seus seminários, o objeto diretamente tributário do simbólico, vinculando o desejo a um deslizamento metonímico cujos pontos de parada circunscreviam o encontro de objetos parciais prontos a impulsionar, mais uma vez, a circuito ao infinito (Millot, 1989, p. 57). É assim que, nos primeiros tempos, Lacan apontava para a morte como encarnação última do ponto impossível das representações:

[...] atrás daquilo que é nomeado, o que existe é inominável. É justamente por ser inominável, com todas as ressonâncias que possam dar a este nome, que isto se aparenta ao inominável por excelência, isto é, a morte. (Lacan, op. cit., p. 266)

De um encontro com a alteridade – que, em nosso texto recebe alguns nomes, tais como traumático, sexual, núcleo patogênico – há o resquício de uma presença que está na base da formação da própria realidade psíquica, o real. Vimos que dentre a conformação, sob a incidência do simbólico, das cadeias associativas (a rede de significantes) há um resto impossível de apreensão integral onde reina a palavra. E Lacan chega a ilustrar esse resto sob o prisma do próprio corpo, nomeando-o como “libra de carne” (Lacan, 2005, p. 139) o elemento empenhado para que aí se entre no registro do símbolo. Isso indica que nesse encontro houve um resto:

O resto que faz obstáculos à dialética e à lógica do significante, no sentido em que esse resto permanece insolúvel, não se pode resolvê-lo nem dissolvê-lo. (Miller, 2005b, p. 16)

O que era até então teorizado através de um objeto sempre em falta, situando-se nos confins do mundo, onde o próprio mundo e suas representações parecem pouco a pouco se esgarçar, passa a comportar uma estranha corporeidade. Até então a via de apreensão de Lacan do real, do que está encarnado por esse objeto, era a do significante.

O que Lacan chama de resto ganha esse nome, como vimos, por salientar um resíduo da operação significante que não pôde se estabelecer integralmente neste registro, assinalando um outro tipo de presença⁸.

Se sua função é comparecer aí, onde se situa uma espécie de *ponto zero* da realidade psíquica, o desvelamento desse objeto não é percebido senão como traumático. Esse elemento que sustenta a cena, articulação entre palco e bastidores, é para um limite da cena que ele não só aponta como apresenta quando nela aparece (Vieira, 2005).

Estamos, justamente, no limite quando situamos o aparecimento desse *a mais*, isto é o que Lacan parece assinalar. Por isso a formalização desse objeto em

⁸ “Na análise, às vezes existe o que é anterior a tudo o que podemos elaborar ou compreender. Chamarei a isso presença do Outro (A), com A maiúsculo.” (Lacan, 2005, p. 31)

sua teorização aparece em um momento preciso, momento no qual ele está a tratar da angústia⁹.

Na falta de algo que represente completamente o sujeito no simbólico, posto que esse resto fica de fora, um resto irrepresentável, libra de carne para que passe ao mundo da cultura, para que faça laço com o Outro, sua âncora torna-se este objeto. É ele que pode designar ao sujeito seu desejo, dando uma consistência onde haveria puro vazio do simbólico.

Esse resto é o resto de toda simbolização, o resíduo irreduzível da operação simbólica do surgimento do sujeito no lugar do Outro: a hegemonia do simbólico não é absoluta. O lugar do Outro, como lugar do significante, compreende, no cerne de sua estrutura, o Outro que não ele mesmo, a saber, um ponto real que se define como ponto de aversão em relação ao simbólico. Tudo se passa como se a alteridade do lugar do simbólico, ou seja, a própria existência de uma alteridade, não tivesse como garantia senão um ponto de real que o objeto (a) teria por função suportar. (Milot, 1989, p. 59)

Trata-se, portanto, de um resto que se encarna tanto quando uma representação do simbólico falha em recobrir totalmente o sujeito, falha quanto a incidência do desejo do Outro sobre ele, quanto a um resto que causa o simbólico, pois justamente pela impossibilidade de tudo recobrir é que as cadeias prosseguem. O simbólico é causado por uma falta de significante que lhe é central (Loc. cit.). Isso, no entanto, que se coloca como central, com o objeto *a*, ganha existência. Não se trata mais de puro vazio, mas objeto que pode encarná-lo. Diante dele, se coloca uma espécie de ponto de parada, de limite do deslizamento da cadeia.

O paradoxo, a impossibilidade, a perda que se coloca quando falamos desse objeto remete a faceta “libra de carne” a ser ofertada ao Outro. O objeto *a* encarna a perda, mas de forma sexuada pois, não se tratando nem de algo do sujeito nem do Outro (está antes que essa diferenciação possa ser feita, e é através dele também que ela é colocada), é direcionado a ele no sentido de suprir a falta do simbólico, aquela que diz respeito ao lugar do sujeito no desejo do Outro.

⁹ “Este real fundamental da angústia é, ao mesmo tempo, aquilo que motiva o desejo, pois encarna a zona obscura do mundo, o segredo dos homens. Dessa forma, desde que recoberto por um véu, ele causa desejo em vez de angústia. Quero a mulher que esconde alguma coisa e me afasto daquela que parece exhibir descaradamente seu sexo. Para dar conta dessa incidência paradoxal do desejo, Lacan formula o conceito de objeto *a*, justamente a partir da angústia. Trata-se de um objeto que incorpora o paradoxo acima e representa, no campo do sentido, o seu furo, seu limite.” (Vieira, 2001, p. 10)

Pergunta que não encontra resposta em termos simbólicos, mas encontra a possibilidade de produção desse lugar do sujeito no Outro.

Essa breve e insuficiente tentativa de circundar o objeto *a* demonstra um claro limite em alcançá-lo. Registramos que se trata de algo a ser produzido, a ser deslindado em uma análise de modo a poder ser, depois de um percurso, encarnado na figura do próprio analista – o qual, para surpresa de Freud, servia justamente como testemunha para as atuações dos pacientes naquilo que eles tinham de mais sintomático. O objeto *a* como produto de uma análise demonstra que o analista não é só testemunha, mas também precisa servir de suporte para esse estranho que o simbólico não comporta¹⁰. Essa produção

[...] necessita que a história do sujeito, de seu caráter, de seus hábitos, de suas fantasias, seja esgotada pela análise, o objeto (*a*) sendo localizado a partir do sulco a que sempre nos leva o disco arranhado do discurso do paciente. (Milot, 1989, p. 63)

4.7

De soslaio

Verifica-se a existência de um objeto que não se coloca como os outros, posto que, como indica o comentário de Lacan no *Seminário 11*, trata-se de uma “perda imajada”. Isso é, algo que se coloca na imagem, mas que se traduz nela como falha, como o que se dá a ver de soslaio, justamente o ponto que era preciso que ficasse velado para que a imagem se estruturasse como tal, permitindo a “normalidade do campo visual” (Miller, 2005b, p. 73).

Para oferecer uma ilustração que possa se colocar a altura de tal hipótese, Zizek recorre a uma cena de um romance de ficção científica. Trata-se de um livro de Robert Heinlein intitulado *The unpleasant profession of Jonathan Hoag*. Nesta passagem, Hoag, um dos artistas mandados de tempos em tempos para

¹⁰ “Nesse *Seminário* [*Seminário 11*], a repetição não é somente repetição automática dos significantes, tendo também o valor de evitação do real como sexual. Quanto à repetição assim definida, a transferência é a colocação em ato da realidade sexual, de tal forma que aparece como *tykhé* da repetição. O que a repetição está destinada a falhar sempiternamente se encontraria posto em ato na transferência. A disjunção entre repetição e transferência, valorizada na lita dos quatro conceitos, dissimula uma conjunção mais secreta, celebrada por Lacan sob o aspecto do objeto *a*. A repetição implica o contínuo decepcionar-se com o encontro com o objeto *a*, ao passo que a transferência o presentifica.” (Miller, 2005a, p. 168)

empreender pequenos ajustes na realidade, criada por um grande artista, recomenda a seu colega de trabalho que não abra a janela durante a volta de um passeio. Ele e a mulher voltavam então deste passeio com Hoag, e, enquanto este estivesse consertando algumas das pequenas falhas que de vez em quando ocorriam, não deveriam baixar os vidros do carro. Após testemunharem o atropelamento de uma criança, Randall e Cynthia, ao avistarem um guarda, param o carro tentando contar o acontecido. Quando Cynthia baixa o vidro, um grito: sem guardas, nem estrada, nem crianças, o que se via era somente uma névoa acinzentada e disforme, imagem amorfa, sem que se pudesse notar nenhum resquício de movimento. Rapidamente Randall grita a Cynthia que suba novamente o vidro, mas esta não consegue mover seu braço, já afetado pela inércia que vinha da cena de fora do carro. Ele consegue fechar a janela e a cena anterior se reconstitui perante os vidros.

Dessa cena chocante podemos depreender que não estaremos mais perto do real quanto mais estivermos às voltas com cenas traumáticas e violentas. O choque da cena não se dá, por exemplo, com o atropelamento do menino, mas quando há a confrontação com o que é pura deformidade sem movimento. O real terá valor como incidência em um determinado ponto da cena. Impossível tomá-la inteira, pois o registro da realidade é feito da concatenação do real junto ao simbólico e o imaginário, o que Zizek também aponta e o detalhe por onde o real pode se materializar, isto é, neste caso, através da janela do carro (Zizek, 1998, p. 14-15)¹¹.

A realidade, assim, seria uma espécie de montagem precária. A aproximação de suas bordas resultaria em prazer¹². Entretanto, chegar um pouco mais perto pode ser prenúncio do trauma, como no caso da cena comentada por Zizek.

Podemos dizer que determinada aproximação das bordas traduz-se em prazer por encontrar-se em uma localização específica desenhada pelas cadeias significantes. A presença de uma espécie de véu encobre a face potencialmente

¹¹ Recentemente o anúncio de um carro também nos colocou a questão desta fronteira: um famoso ator e sua bonita acompanhante rodavam pelas ruas vazias da cidade. Estranho como em um dia normal não se via viva alma. Ele decide baixar o vidro e o estrondo da cidade irrompe em seu carro. Basta levantar o vidro novamente e a cena exterior se apaga, só restando a boa companhia da moça, assim como a comodidade do carro anunciado.

¹² Como nas zonas erógenas delimitadas por Freud e retomadas por Lacan.

traumática de seu aparecimento. A repetição, em seu viés significante, também não deixa de desenhar essa proximidade com tal área. Contornando-a, obtém-se prazer.

Já uma aproximação de certa forma mais descortinada implica na própria mobilização dessas cadeias que desenham o lugar do real. Se ele é, como nos símiles freudianos de 1895, o centro organizador das cadeias, aproximar-se deste centro as mobilizaria. É isso o que Freud aponta quando, por exemplo, assinala que em certas regiões os fios lógicos encontram pontos nodais e buscam outras vias. Ao longo dos desvios do que seria um encontro de ordem mais traumática, coloca-se no discurso do paciente um percurso sulcado. Deste se depreenderia um desenho sulcado, como assinalou Millot, desenho que delinea o próprio “núcleo patogênico”. Para tanto, é preciso fazer valer a repetição em seus dois aspectos. Vamos a este ponto.

4.8

A repetição na experiência de uma análise

Desde nosso primeiro capítulo estamos às voltas com as circularidades da cadeia significante. Um automatismo dos significantes – o que Lacan toma em paralelo ao funcionamento de uma máquina – se dá de forma pré-subjetiva e formula a condição do próprio sujeito do inconsciente¹³, aquele que se situa entre dois significantes e que se faz representar de um a outro. Tal funcionamento, aproximado a uma máquina, pode ser exemplificado pelas séries que Lacan delineou em seu *Seminário 2*, da qual tratamos em nosso segundo capítulo. Com os “+” e “-” se proliferando¹⁴ e as notações automaticamente se colocando a cada combinação possível, pode-se entrever o movimento do automatismo do qual nos fala Lacan, de um jogo simbólico que se desdobra indefinidamente em seu movimento *autômaton*, como vimos com a categoria aristotélica.

¹³ “O jogo do símbolo representa e organiza, em si mesmo, independentemente das particularidades de seu suporte humano, este algo que se chama um sujeito. O sujeito humano não fomenta este jogo, ele toma seu lugar e desempenha aí o papel dos pequenos mais e dos pequenos menos. Ele próprio é um elemento nesta cadeia que, logo que é desenrolada, se organiza segundo leis.” (Lacan, 1985a, p. 243)

¹⁴ “Enquanto o sujeito não está pensando nisto, os símbolos continuam acavalandose, copulando, proliferando, fecundando-se, trepando, rasgando-se. E quando vocês tiram um, podem projetar nele uma fala deste sujeito inconsciente do qual estamos falando.” (Lacan, 1985b, p. 233-234)

O significante, deste modo, anularia o objeto, retendo-o na cadeia e a satisfação adviria da própria repetição significante, satisfação coordenada pelo princípio do prazer. É nesse sentido que o grito, que vimos no aparelho psíquico do *Projeto*, surge em substituição ao objeto de desprazer com o qual o sujeito se depara. De forma bem breve, podemos supor que sendo o grito a saída encontrada para o desprazer sentido através da dor, ele eleva o foco do sujeito à presença do objeto, agora subvertida em significante. Sua retomada desenha, através da *Bahnung*, uma trilha de satisfação possível, o que impõe uma marca que se converterá em memória. Desta forma, obtêm-se inscrições na cadeia que se repetem por desembocar na sensação de satisfação para o sujeito.

E, quando [Lacan] se refere em termos explícitos ao automatismo de repetição, é para marcar que esse automatismo é, propriamente falando, o valor da memória freudiana, da rememoração somente concebível na ordem simbólica, ou seja, carregada de toda história do sujeito. (Miller, 2005a, p. 166)

Como vimos, entretanto, com o registro do real e sua encarnação com o objeto *a*, esse jogo, na análise, deverá ter um fim justamente calcado na presença do que pode aparecer sob um outro viés da repetição, o viés real.

Apesar da repetição tratar de uma anulação do objeto na primeira década do ensino de Lacan, no *Seminário 11* ele introduz a noção de repetição como encontro faltoso por visar a um real e falhar na tentativa de alcançá-lo. O trauma freudiano é por ele utilizado nesse ponto por assinalar o que há de inassimilável no simbólico, justamente o motor da repetição (Ibid, p. 167).

Entretanto, essa segunda hipótese repercute de maneira fundamental na prática analítica. Desde o *Seminário 7*, acompanhamos em Lacan a introdução de um centro em torno do qual girava a repetição. Se esse centro antes era tido como *das Ding*, objeto supostamente perdido porque nunca obtido, com o objeto *a* esse centro ganha corporeidade.

Com a teorização do objeto *a*, Lacan retomará no *Seminário 11* a repetição como um dos conceitos fundamentais da psicanálise. Se “nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real” (Lacan, 1985b, p. 55), a repetição pode ser tida como conceito fundamental por ser uma das vias privilegiadas que o contornam. Como experiência que se dá “como por acaso”, ela erra sua mira, mas acerta no alvo. Escapando, ao mesmo tempo em dá mostras de sua existência.

É por uma conjunção entre estes dois aspectos da repetição que a análise não tende ao infinito, mas encontra sua bússola e seu limite¹⁵. Se é em torno de um eixo fixo, de um núcleo patogênico, como assinala Freud em 1895, que as cadeias se organizam, no fim dessa experiência, o que se encontra é este eixo não mais suposto, mas presentificado pelo objeto *a*. Tal presentificação tem o analista e sua aposta em topar encarnar esse objeto como condição.

Nosso percurso procurou embrenhar-se por entre as vias da repetição, assinalando alguns pontos que acreditamos indicarem um norte à experiência de uma análise. Caso analista e paciente toquem a aposta, cada um de seu lado, céu e inferno tendem a se encarnar, agora de forma a colocar-se no caminho do sujeito de forma contingente e também ética.

¹⁵ “Nesse sentido, repetição de um mesmo circuito e evitação de um mesmo núcleo introduzem um limite à proliferação, uma vez que torna presente ‘o mesmo’.” (Brodsky, 2004, p. 204)